



Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório¹

Agosto, 2021

Cascos & carícias de Hilda Hilst

<https://m.youtube.com/watch?v=h5HVvEu56oQ2>

Logo na abertura de *132 crônicas: Cascos & carícias e outros escritos*,³ da escritora paulista, nascida em Jaú, Hilda de Almeida Prado Hilst, a cantora nascida em Niterói, Rio de Janeiro, e que abre o módulo 8 dos nossos EECs 2021 – Os mundos de dentro, Zélia Duncan, declara a paixão por Hilda e suas crônicas.

Me considero uma leitora fiel de Hilda, embora tardia. Eu a descobri nos anos 1990, e, depois de conseguir um mísero livro de poesia, foram justamente as crônicas, no canto de um sebo em São Paulo, que me caíram nas mãos e me arrebataram para sempre. Eu ignorava essa fase dela e me joguei de cabeça naquelas impressões sobre o mundo, o Brasil e suas mazelas, as autodefesas, os ataques, as aparentes confissões. Digo aparentes porque escritores inventam e, quanto mais geniais, mais nos fazem acreditar.⁴

No módulo 6 sobre Jorge Amado, navegamos nas técnicas da não ficção, tão semelhantes e tomadas emprestadas da ficção. Neste módulo 8, navegaremos pelas entrelinhas de uma das escritoras mais solares (e lunares) brasileiras, e apreenderemos em suas crônicas muito da origem dos seus textos, poemas, das suas peças de teatro,

¹ Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de videopodcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

² Cathedral. Cathedral Song (Warner Chappell Music, Inc). In *Zélia Duncan*. Compositores: Zelia Cristina Goncalves Moreira, Christiaan Willem De Marez Oyens, Tanita Tikaram. 1994.

³ HILST, Hilda. *132 crônicas: Cascos & carícias e outros escritos*. Prefácio: Zélia Duncan. Introdução: Ana Chiara. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

⁴ DUNCAN, Zélia. “Informe-se!”. In HILST, Hilda. Op. cit., 2018, p. 9.

ficções e, inclusive, das próprias crônicas escritas semanalmente para o jornal *Correio Popular*, de Campinas, São Paulo, no período de julho de 1992 a julho de 1995. Acompanharemos, enfim, a sua crítica genética.

Mas o que é Crítica Genética?

Ainda na apresentação de *132 crônicas*, a professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Ana Chiara, nos esclarece quanto ao material que estamos prestes a iniciar a leitura.

Como o próprio título sugere, trata-se de um livro-reunião, uma caderneta de anotações, um caderno de artista. Híbrido, expõe o processo de escrita-montagem de Hilda, também leitora de jornais. Compõe-se de comentários do cotidiano, extratos de sua ficção que ela usa como se fossem testes de validação para ver se o leitor acompanha; desafios e provocações ao público, belíssimos poemas que fazem contraponto à mixórdia da vida pública (a época de Collor e dos anos do Congresso) e, pairando sobre tudo isso, reflexões da escritora sobre o ato de escrever, figura constante de toda a sua vida literária. Por que escrevo, para quem e como?⁵

A Crítica Genética nasceu na França, em 1968, com Louis Hay e Almut Grésillon, quando o Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) criou uma equipe multidisciplinar para organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine. No Brasil, os estudos genéticos foram iniciados em 1985 com o I Colóquio de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições, na Universidade de São Paulo (USP). O doutor em Letras (Língua e Literatura Francesa) e professor titular de Literatura Francesa da USP, Philippe Willemart, foi o organizador do Colóquio e vinha investigando há algum tempo os manuscritos de Gustave Flaubert.

Tentando resumir ao máximo o que é a Crítica Genética, digamos que você escreva uma crônica hoje. A primeira escrita é livre de julgamentos e reflexões. Amanhã ou na próxima semana você retorna a essa mesma crônica. Rabisca aqui, retira palavras ali, quer seja de maneira manual (papel e caneta/lápis), quer seja no computador (salvando várias versões). Daqui a dez anos, uma pessoa pesquisa seu processo criativo e investiga

⁵ CHIARA, Ana. Espasmos da língua. In HILST, Hilda. Op. cit., 2018, p. 13.

todas as fases da construção dessa crônica que você intitulou “Exercício”. Cada alteração, cada exclusão ou inclusão em “Exercício” será registrada pelo(a) pesquisador(a) e haverá uma tentativa de análise baseada em alguma teoria da Crítica Genética, por exemplo, à luz dos estudos de Philippe Willemart, ou mesmo da doutora em Linguística Aplicada e em Estudos de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), onde atualmente ministra aulas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Cecilia Almeida Salles.

É sempre interessante lembrar que o histórico desses estudos tem essas datas bem delimitadas, se levarmos em conta a natureza oficial, no mundo científico, do nome Crítica Genética. Muitos outros pensadores, no entanto, fizeram estudos sobre o processo criador a partir de “manuscritos” de artistas. Rudolf Arnheim publicou, em 1962, *The Genesis of Painting: Picasso's Guernica*, no qual são esmiuçados os esboços de *Guernica*, para conhecer o nascimento, os movimentos e as relações das personagens dessa obra de Picasso. Outros, como Ítalo Calvino, também fizeram Crítica Genética sem saber. Em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio*, Calvino (1990) vê os manuscritos de Leonardo da Vinci abrindo uma fresta para o funcionamento de sua imaginação.⁶

Hilda Hilst também realiza Crítica Genética sem saber. Nas *132 crônicas* que estudamos para o módulo 8, encontramos a autora defendendo a própria criação, considerada por ela incompreendida e não reconhecida.

Essa modesta articulista que sou eu escreveu textos e poemas belíssimos e compreensíveis, e tão poucos leram ou compraram meus livros... Mas agora com essas crônicas... que diferença! Como telefonam indignados para o por isso eufórico editor deste caderno, dizendo que sou nojenta! Obrigada, leitor; por me fazer sentir mais viva e ainda por cima nojenta! Isso é tão mais, tão mais do que nada!⁷

Além de poemas belíssimos, Hilda nos presenteia com pequenas ficções, nas quais aplica diversas técnicas de escrita, entre elas, a incorporação do personagem na própria linguagem.

– E agora –

Baixou o doutor Fritz!

⁶ SALLES, Cecilia Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3ª ed. revista. São Paulo: EDUC, 2008, p. 14, itálicos da edição.

⁷ HILST, Hilda. Por que, hein? In Op. cit., 2018, p. 25-26.

Um senhor insinuar eu gostar de ôvos podres e traques de senhor Henricas oitavas. Non senhor, non gostar. Mas, crriçãoça, senhor non dava traques? Non tirrava melêcas de narriz? Non? Cuidada enton! Porrque aquele outro que nascer em “Braunau sobre o Inn”, aquele Adolfo, crriçãoça também, non tirar melêcas nem dar ttraques, mas depoz, quando grrande, soía defecarr em cabeças de amantes!⁸

Hilda aplica em diversas crônicas e em inúmeros poemas a ironia desmedida, aquela que investiga (e quebra), da maneira mais lúcida (e suportável) possível a absurda realidade.

Lobos? São muitos.
Mas tu podes ainda
A palavra na língua
Aquietá-los.
Mortos? O mundo.
Mas podes acordá-lo
Sortilégio de vida
Na palavra escrita.
Lúcidos? São poucos.
Mas se farão milhares
Se à lucidez dos poucos
Te juntares.⁹

Mescla realidade com ficção-poética, transformando a própria crônica em um não gênero, um não lugar ou mesmo um lugar-nenhum, como vimos no país-anterior de Yves Bonnefoy, ou no país-imaginário-utópico-Pasárgada de Manuel Bandeira no módulo 2 do nosso curso.

Gosto de escrever do avesso das gentes, do avesso das coisas, o que ninguém vê, gosto de falar de gente rara, louca naquele sentido da ousadia, os loucos de piedade, por exemplo, como essa admirável Mara Thereza que foi a semana passada a um circo e encontrou três tristes leões magérrimos esqueléticos e um com tanta fome

⁸ HILST, Hilda. Musa Cavendish. In Op. cit., 2018, p. 41.

⁹ HILST, Hilda. Poemas aos homens do nosso tempo. In O verme no cerne. In Op. cit., 2018, p. 54.

que comeu o rabo do outro e aí ela me diz que está procurando alguém para ficar com os três leões... [...] Enquanto isso não acontece, vamos brincar de “como se”.

Vamos brincar meus amigos

De ver beleza nas coisas.

Beleza no desatino

No teu amor descuidado

Beleza tanta beleza

Na pobreza.¹⁰

Incentiva a busca pelo conhecimento, o prazer no aprendizado, não no barulho do mundo de fora, e sim no mundo de dentro, essa Casa do Prazer, poço sem-fim, mesmo que tudo já tenha sido escrito – mas não com o nosso olhar, a nossa bagagem de leitura, de vida, de Hilda Hilst.

Ávidos de ter, homens e mulheres

Caminham pelas ruas. As amigas sonâmbulas

Invasoras de um novo a mais querer

Se debruçam banais, sobre as vitrines curvas

Uma pergunta brusca

Enquanto tu caminhas pelas ruas. Te pergunto:

E a entranha?

De ti mesma, de um poder que te foi dado

Alguma coisa clara se fez? Ou porque tudo se perdeu

É que procuras nas vitrines curvas, tu mesma,

Possuída de sonho, tu mesma infinita, maga,

Tua aventura de ser, tão esquecida?

Por que não tentas esse poço de dentro

O incomensurável, um passeio veemente pela vida?

Teu outro rosto. Único. Primeiro. E encantada

¹⁰ HILST, Hilda. Minha feliz invenção. In Op. cit., 2018, p. 71, colchetes nossos.

*De ter teu rosto verdadeiro, desejarias nada.*¹¹

Uma Casa do Sol

Em 1966, Hilda Hilst conclui a construção da sua Casa do Sol, num espaço da fazenda da família materna. A casa foi construída para ser um espaço de criação, de acolhimento para artistas, tais como Bruno Tolentino e Caio Fernando Abreu.

Esta casa é deslumbrante. Aqui já aconteceram muitas coisas. Mas aí vai depender de a pessoa acreditar ou não em mim. [...] Eu via pessoas que não existiam. Um dia, andando com uma amiga aqui na alameda, de repente apareceu um homem entre nós. Muito bonito, devia ter uns 18 anos. Eu quase desmaiei. Tudo isso me asseverou que existe, sim, vida depois da morte. Por isso eu queria fazer a fundação. Aí viriam para cá escritores interessados nessas coisas, fariam estudos, conferências. Eu deixaria esta casa, alguns terrenos e tal para sustentar essa fundação.¹²

Hilda afirma que todo o seu trabalho se reporta ao pai, Apolonio de Almeida Prado Hilst, figura marcante na infância e na adolescência, afastado e internado em clínicas psiquiátricas por causa da esquizofrenia. Quando ele soube da gravidez da mãe de Hilda, Bedecilda Vaz Cardoso, pronunciou a palavra que iria marcar para sempre a luta por reconhecimento da filha: Azar.

Mas Hilda vai além. Nas quatro paredes (e além) da Casa do Sol, ela constrói um trabalho (não gostava de chamar de obra) profundo e consistente, e, com isso, supera o não reconhecimento da crítica, dos leitores. Do próprio pai.

Sobrevivi à morte sucessiva das coisas do teu quarto.

Vi pela primeira vez a inútil simetria dos tapetes e o azul diluído

Azul-branco das paredes. E uma fissura de um verde anoitecido

Na moldura de prata. E nela o meu retrato adolescente e gasto.

E as gavetas fechadas. Dentro delas aquele todo silencioso e raro

Como um barco de asas. Que fome de tocar-te nos papéis antigos!

¹¹ HILST, Hilda. “Casa do Prazer”. In Op. cit., 2018, p. 104, itálico da edição.

¹² HILST, Hilda. Da obra e das sombras. In *Edição especial – 10 anos dos Cadernos de Literatura Brasileira*, número 22. Rio de Janeiro: IMS, julho de 2007, p. 125, colchetes nossos.

[...]

Há tanto a te dizer agora! Meus olhos se gastaram

Procurando a palavra nas figuras, nos textos, nas estórias.

Era preciso viajar e levantada em renúncias redescobrir a morte.

[...]

Será preciso esquecer o contorno de umas formas que vi: naves, portais

E o grande crisântemo sobre a faixa restrita do canteiro.

Através do gradil, no terraço do tempo te percebo.

E ainda que as janelas se fechem, meu pai, é certo que amanhece.¹³

E, assim como Osman Lins, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar, Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes, Jorge Amado, Cora Coralina, o mundo de dentro de Hilda Hilst se derrama no mundo de fora da casa-corpo-poesia-prosa que foi causa e consequência da vida, e permanecerá mesmo após a morte.

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas,

Voz e vento apenas

Das coisas do lá fora

E sozinha supor

Que se estivesses dentro

Essa voz importante e esse vento

Das ramagens de fora

Eu jamais ouviria.¹⁴

¹³ HILST, Hilda. Trajetória poética do ser. In “Só para raros”. In Op. cit., 2018, p. 120 e 121, colchetes nossos.

¹⁴ HILST, Hilda. Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio. I e II. In Op. cit., 2018, p. 267.

A minha Casa é guardiã do meu corpo
E protetora de todas as minhas ardências.
E transmuta em palavra
Paixão e veemência

E minha boca se faz fonte de prata
Ainda que eu grite à Casa que só existo
Para sorver a água da tua boca.

A minha Casa, Dionísio, te lamenta
E manda que eu te pergunte assim de frente:
A uma mulher que canta ensolarada
E que é sonora, múltipla argonauta
Por que recusas amor e permanência?¹⁵

Filmes sobre Hilda Hilst e a Escrita Criativa

- 1) *Hilda pede contato* (2018): <https://www.youtube.com/watch?v=QTHs1QL-eTs>
- 2) *O universo de Hilda Hilst no filme Unicórnio* (2018):
<https://www.youtube.com/watch?v=6twpsAiSyz4>
- 3) *Casa do Sol – Ocupação Hilst* (2015):
<https://www.youtube.com/watch?v=OAPr0I241PA>

Exercício de desbloqueio

Escreva uma crônica, um poema, uma ficção ao estilo de Hilda Hilst, ou seja, autoanalisando-se, numa espécie de crítica genética de si, agregando imagens fotográficas

¹⁵ HILST, Hilda. Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio. III e IV. In Op. cit., 2018, p. 269.



ou de vídeo dos momentos de criação, revisão, ou mesmo leitura e interpretação do próprio texto, nos cômodos da sua própria casa.